CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

PRÁTICAS ALFABETIZADORAS: o ensino dos atos de ler e de escrever no 1º e 2º anos do ensino fundamental

Greice Fereira da Silva[1]

Eixo temático: 8 – Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: Este trabalho trata de uma pesquisa em andamento intitulada "Práticas de ensino do ato de ler e do ato de escrever de professores do 1º e 2º anos do ensino fundamental da Rede Pública Municipal de Educação de Londrina-PR". Esta pesquisa busca compreender como são constituídas e organizadas as práticas do ensino do ato de ler e de escrever de professores no processo inicial de apropriação e objetivação da leitura e da escrita das crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Educação de Londrina - PR. Optou-se pela pesquisa-ação crítico-colaborativa e está fundamentada teoricamente nos pressupostos de Bakhtin e Volochínov em diálogo com a Teoria Histórico-Cultural e com estudiosos sobre a alfabetização como Arena (2010, 2017), Goulart (2014). Como instrumentos de geração de dados foi utilizada a entrevista semi-estruturada, os relatos escritos dos professores e os enunciados proferidos durante as reuniões de estudo advindos das reflexões sobre as práticas. Para a análise de dados serão usados instrumentos como a análise microgenética fundamentada na Teoria Histórico-Cultural e a análise discursiva na perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin e Volochínov. Como resultados, espera-se identificar conceitos e concepções que sustentam as práticas alfabetizadoras e os aspectos que caracterizam e organizam o modo de ensinar a ler e a escrever. Pretende-se também promover um espaço de reflexão e problematização dessas práticas, bem como a possibilidade de reelaborar e/ou potencializar caminhos teóricos-metodológicos, na tentativa de contribuir com as pesquisas sobre a temática e com a formação continuada dos professores.

Palavras-chaves: Alfabetização; Atos de ler e de escrever; Práticas de ensino.

Introdução

A escrita é um instrumento que permite a participação das pessoas na cultura letrada e proporciona-lhes o acesso não somente às informações que facilitam o seu dia a dia, mas também ao conjunto do conhecimento registrado ao longo da história, que pode ser usado por elas para melhorar suas vidas nos mais diferentes aspectos onde quer que estejam. No

[1]Doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/ Marília – SP. Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina - UEL. Contato: grebalet@gmail.com / greice@uel.com

entanto, um dos grandes desafios enfrentados se encontra nos modos de ensinar os atos de ler e de escrever que se ancoram na compreensão desses processos e que se materializam de diferentes formas nas práticas propostas às crianças nas escolas. (SILVA, 2013).

O ensino da linguagem escrita precisa ser intencionalmente planejado pelo professor e exige uma dedicação específica de quem aprende. Desse modo, Vygotski (1995) afirma que a linguagem escrita precisa ser apresentada desde o início à criança como um instrumento que tem como função social comunicar informações, ideias, sentimentos de tal modo que crie na criança a necessidade de se apropriar dela. Ressalta que a escrita deve ter sentido para a criança, deve ser provocada, e, por essa razão, se torne uma tarefa vital que é imprescindível. “Unicamente então estaremos seguros de que a escrita se desenvolverá na criança não como um hábito de mãos e dedos, mas como um tipo realmente novo e complexo de linguagem.” (VYGOSTKI, 1995, p. 201).

Entender a apropriação e a objetivação da língua como um processo interlocutivo é entender que somos seres históricos e sociais em constante transformação, que somos produto e produtores da cultura humana, que a língua é algo vivo porque se constitui na interação com o outro e que nos constituímos nela dentro de um dado contexto situacional. Apropriar-se da língua, nessa perspectiva, é uma construção histórica, social e cultural, e, por essa razão, é humanizar-se. A língua como produto da história é marcada pelo uso e pelo espaço social deste uso. Assim, a língua nunca pode ser estudada e ensinada como um produto fechado em si mesmo, porque o externo se internaliza, participando da construção deste mesmo produto. (SILVA, 2013).

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa as práticas do ensino do ato de ler e de escrever de professoras no processo inicial de apropriação e objetivação da leitura e da escrita das crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Diante disso, o problema dessa pesquisa se apresenta: Como se configuram as práticas do ensino do ato de ler e do ato de escrever de professores alfabetizadores, observando o uso dos gêneros discursivos no processo inicial de apropriação da leitura e da escrita? A partir desse problema se originam outras questões que orientam essa pesquisa/investigação: Como a leitura e a escrita são apresentadas para as crianças? Que práticas e aspectos são enfatizados nesse processo pelos professores? Com que dúvidas ou questões os professores se deparam no processo de ensino desses atos e como buscam soluções? Que conhecimentos os professores julgam fundamentais para o ensino do ato de ler e de escrever? Como os gêneros discursivos são abordados no trabalho com as crianças?

A intenção é a de alinhavar estudos teóricos na área dos estudos de linguagem e de alfabetização com os enunciados orais e escritos dos professores presentes nas entrevistas e nos registros de suas experiências, bem como promover um espaço por meio do grupo de estudos para que os professores possam refletir teoricamente sobre suas ações de ensino, problematizá-las e buscar caminhos teóricos-metodológicos que as potencializem.

2 Fundamentação teórica

A leitura e a escrita são instrumentos fundamentais para a vida do homem, sendo uma necessidade essencial para garantir seu pertencimento e atuação ativa na sociedade. (SILVA, 2009).

Entende-se a alfabetização como o processo de internalização da língua. Nesse contexto, a língua é um fenômeno complexo, social que se dirige para o outro. Para Bakhtin (1992 apud SILVA, 2013) a língua é concebida de forma viva, dinâmica, que se transforma continuamente porque é construída e modificada ao longo da história conforme o seu uso no cotidiano.

Segundo os pressupostos das perspectivas bakhtiniana e volochinoviana, a categoria principal da linguagem é a interação verbal, que possui caráter ideológico. Isso quer dizer que os enunciados representam um diálogo entre os interlocutores e constituem uma parte de um contínuo processo de comunicação. Nesse diálogo, os discursos refletem os interesses, valores e intenções de distintos grupos ou classes sociais que se formaram em determinados tempos da história da humanidade. (SILVA, 2013).

A alfabetização nesta pesquisa é compreendida como

> [...] um processo que vai muito além do simples reconhecimento de letras que sirvam para nomear os elementos do mundo, mas sim é um processo fundamental para o desenvolvimento do aluno como instrumento para a sua formação humana, em que por meio dele os sujeitos são capazes de se transformarem, interferindo em seus próprios processos de formação, por meio de sua apropriação e utilização. (ABREU, 2019, p. 58)

Entende-se então, que o ensino dos atos de ler e de escrever deve ocorrer por meio de enunciados, de gêneros e situações dialógicas. As crianças precisam ser provocadas a pensar sobre a escrita, a estabelecer relações com ela e a dialogar em situações reais de comunicação que tenham como premissa a existência e a participação do outro. (SILVA, 2013).

Os gêneros do discurso podem ser uma importante ferramenta do professor para introduzir a criança à cultura escrita, para orientar o trabalho pedagógico no ensino dos atos

de ler e de escrever, pois ensinar a língua é ensinar a dominar a diversidade dos gêneros discursivos de forma que ao reconhecerem seu conteúdo temático, seu estilo e sua construção composicional (BAKHTIN, 2003), as crianças possam dar-lhes sentidos, em outras palavras, possam ler e escrever. Assim,

> [...] ao fazer uso de um modo múltiplo e ao mesmo tempo profundo dos enunciados escritos – ao ler e ao escrever – veiculados em gêneros do discurso, em processos claramente dialógicos, nas diferentes esferas da vida, o homem também aprofunda o desenvolvimento intelectual de si mesmo, de um modo de pensar gráfico, isto é, de uma consciência gráfica; aprofunda o desenvolvimento de sua condição humana e, por essa mesma razão, colabora para a evolução da própria espécie, de um ponto de vista filogenético. (ARENA, 2017, p. 18).

Alfabetizar implica em entender o desenvolvimento de processos no ensino da língua escrita que permitam ao aluno refletir, expor, criticar, avaliar, apresentar seus pontos de vista, suas percepções e pensamentos de forma significativa. Trata-se de conceber a alfabetização como um processo complexo que potencializa os processos de transformação da criança em sua forma de pensar, agir e atuar no mundo por meio dos diversos usos da escrita. (ABREU, 2019).

De acordo com Abreu (2019), uma alfabetização que possibilite a apropriação da língua escrita por meio de um diálogo com significado só é possível se a prática alfabetizadora considerar os usos dos diferentes gêneros do discurso presentes na sociedade, oferecendo espaço para a construção e compreensão de enunciados concretos, coerentes e significativos. Por meio da alfabetização humanizadora as crianças são capazes de se apropriarem dos enunciados da linguagem escrita e estabelecerem diálogo com o mundo, aprendendo na realidade como a escrita se organiza e qual função desempenha na vida humana.

3 Metodologia

A investigação é orientada pelos pressupostos da metodologia de pesquisa qualitativa. A abordagem qualitativa parte do pressuposto de que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 2000, p. 79). Ela se desenvolve em interação dinâmica, retroalimentando-se e reformulando-se constantemente.

Essa metodologia permite obter dados descritivos devido à interação com a situação pesquisada, uma vez que se prioriza o processo e não simplesmente o resultado ou o produto. O pesquisador busca compreender o que está latente e nem sempre visível, observável, captável em estatística e dessa forma, atribui sentido ao objeto de estudo. Essa metodologia de pesquisa exige que se faça um recorte temporal e espacial do fenômeno estudado para delimitar o campo de estudo (NEVES, 1996).

Trata-se de uma pesquisa-ação crítico-colaborativa (PIMENTA, 2005) em que a construção do processo de pesquisa-diálogo-reflexão-ação busca valorizar o pensar e o agir com os professores, com base nas suas vozes, nos seus dilemas, nas suas expectativas, na sua participação.

Esta pesquisa é realizada com 10 professoras de escolas públicas municipais da cidade de Londrina – PR, compreendendo professoras do 1º e 2º anos.

A pesquisa proposta é realizada por meio dos seguintes procedimentos metodológicos: a) entrevistas com as professoras sobre as práticas pedagógicas para o ensino do ato de ler e de escrever, sobre materiais, suportes, gêneros discursivos; b) registros escritos por dez professoras atuantes nos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental; c) estudo e reflexão de possibilidades metodológicas sobre o processo de apropriação da leitura e da escrita na perspectiva enunciativo-discursiva.

Por meio dos enunciados dos professores gerados na entrevista, pretende-se buscar marcas dos conceitos e concepções que sustentam as suas práticas alfabetizadoras. Com os registros dos relatos das experiências escolhidas pelos professores serão cotejados aspectos que caracterizam e organizam o modo de ensinar a ler e a escrever. O estudo sobre o processo de apropriação da leitura e da escrita na perspectiva discursiva enunciativa tem a intenção de contribuir com a reflexão sobre o ensino do ato de ler e de escrever, bem como investigar possíveis caminhos para a prática alfabetizadora.

Todo o procedimento metodológico a ser adotado se fundamenta na abordagem microgenética de matriz histórico-cultural. Segundo Góes (2000), para Vygotsky, as muitas formas de investigação e as diretrizes metodológicas “buscam atender a duas tendências fundamentais: de que a constituição do funcionamento humano é socialmente mediada, num curso de desenvolvimento que abrange evoluções e, sobretudo revoluções” (GÓES, 2000, p. 12), ou seja, Vygotsky atenta para o fato de que o homem é um ser social e se constitui enquanto tal por estar inserido na cultura, por viver as práticas sociais e experiências coletivas, e por isso, o homem produz a cultura, ao mesmo tempo em que é produzido por ela. Em decorrência disso, em suas obras Vygotsky enfoca a questão dos signos, a linguagem, a palavra, que o ajudam a configurar a especificidade do humano e que

“demandam caminhos metodológicos diferentes daqueles utilizados nas ciências humanas” (GÓES, 2000, p. 12).

Por se tratar de uma pesquisa em que o objeto de estudo é o ensino do ato de ler e de escrever e como este se dá nas relações estabelecidas pelos sujeitos, também é utilizada na análise dos dados a orientação enunciativo-discursiva na perspectiva de Bakhtin e seu círculo que enfoca a relação dialógica e relaciona interação, discurso e conhecimento. De acordo com a perspectiva enunciativo-discursiva bakhtiniana, os processos são examinados do ponto de vista do fluxo das enunciações em que a noção de diálogo ultrapassa o contato face a face, são destacadas as práticas sociais e são consideradas condições como as relações entre os sujeitos, a imagem dos interlocutores, as formações discursivas, os gêneros discursivos.

A pesquisa tramitou pelo Comitê de Ética e se utiliza de todos os procedimentos necessários para seu desenvolvimento legal.

4 Resultados e Discussão

Como se trata de uma pesquisa em andamento é possível apontar alguns resultados parciais e considerações.

Os resultados parciais da investigação indicaram que as professoras alfabetizadoras apresentam uma preocupação bastante intensa com o ensino do ato de ler e de escrever com ênfase nas relações grafofônicas. Majoritariamente, as professoras participantes declaram que suas práticas se pautam no ensino da relação entre letras e som, contudo incorporando rimas, brincadeiras e pequenos textos.

Revelam que desconhecem a perspectiva enunciativo-discursiva para a alfabetização e seus pressupostos teórico-metodológicos. Sobre essa perspectiva que sustenta a presente investigação vale ressaltar que:

> Uma alfabetização humanizadora não descuida do singular, da unidade. Mas é a unidade gráfica a que compõe a palavra no enunciado e não a sonora. O sentido registrado no enunciado escrito resulta de trocas entre a linguagem interior e a linguagem escrita. Não resulta de correspondências entre elementos materiais orais e gráficos, uma vez que o sentido não reside na palavra nem em seus fragmentos, mas na totalidade do enunciado. As unidades de sentido, imateriais, diferentemente das unidades materiais, não têm fronteiras definidas. São esses sentidos que desabrocham o potencial transformador de uma linguagem escrita e desempenham função humanizadora no desenvolvimento da essência humana. (ARENA, 2021, p. 75).

Foi constatado ainda que as professoras participantes apresentam e ensinam os gêneros discursivos previstos no planejamento para cada ano, em sua maioria, priorizando os aspectos estruturais e as proposições nas práticas alfabetizadoras que realizam se distanciam da perspectiva da pesquisa em que os gêneros do discurso podem ser uma importante ferramenta do professor para introduzir a criança à cultura escrita, para orientar o trabalho pedagógico no ensino dos atos de ler e de escrever, pois ensinar a língua é ensinar a dominar a diversidade dos gêneros discursivos de forma que ao reconhecerem seu conteúdo temático, seu estilo e sua construção composicional (BAKHTIN, 2003), as crianças possam dar-lhes sentidos, em outras palavras, possam ler e escrever. Assim,

> [...] ao fazer uso de um modo múltiplo e ao mesmo tempo profundo dos enunciados escritos – ao ler e ao escrever – veiculados em gêneros do discurso, em processos claramente dialógicos, nas diferentes esferas da vida, o homem também aprofunda o desenvolvimento intelectual de si mesmo, de um modo de pensar gráfico, isto é, de uma consciência gráfica; aprofunda o desenvolvimento de sua condição humana e, por essa mesma razão, colabora para a evolução da própria espécie, de um ponto de vista filogenético. (ARENA, 2017, p. 18).

As discussões na perspectiva enunciativo-discursiva para o ensino do ato de ler e de escrever realizadas por meio do grupo de estudo tem provocado a reflexão e a iniciativa de práticas com gêneros discursivos em situações reais de uso em que as crianças participam de forma ativa, dialógica e dinâmica.

5 Considerações Finais

Diante do exposto considera-se que ao ensinar o ato de ler e de escrever o objeto não deveria ser apartado do ato humano para ser ensinado, “uma vez que é o ato humano de escrever e de ler, culturalmente, socialmente e historicamente elaborado que se tornaria o objeto de ensino e de aprendizagem. O homem não se separa do objeto que ele usa para ensiná-lo ao Outro”. (ARENA, 2017, p.18). Desse modo, destaca-se a função fundamental dos atos como enunciados escritos no desenvolvimento da consciência humana.

A criança aprende esse legado cultural nas relações com o meio, com os adultos e com as próprias crianças. É a relação com os outros, o diálogo com os outros que permite que cada um de nós se aproprie do legado cultural que a humanidade criou. A linguagem escrita não pode ser ensinada separada do homem porque ele a cria e mais que um

instrumento de comunicação, é um instrumento do pensamento, um instrumento transformador.

Enfatiza-se que entender os atos de ler e de escrever como atos culturais é compreender a vida que se faz nas relações, nos diferentes lugares e situações, é lidar com a linguagem viva, é se manter no diálogo da vida e se constituir nesse diálogo. É aprender a pensar e lidar com as ferramentas que se dispõe para isso. É se apropriar de valores, de ideias e de ter uma atitude responsiva.

Busca-se por meio do grupo de estudos com as professoras participantes dar continuidade à promoção de um espaço de reflexão e problematização das práticas alfabetizadoras, bem como a possibilidade de reelaborar e/ou potencializar caminhos teóricos-metodológicos, na tentativa de contribuir com as pesquisas sobre a temática e com a formação continuada dos professores.

Referências

ABREU, M. M. O. **A criança e a apropriação da cultura escrita**: uma possibilidade de alfabetização discursiva. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

ARENA, D. B. Bakthin e Alfabetização. **Educação**, Santa Maria – RS, v.17, p. 71 – 89, 1992.

ARENA, D. B. Relações entre espaços e pontos no início da alfabetização. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v.16, n.12, p. 35-50. set./dez. 2007.

ARENA, D. B. Palavras grávidas e nascimentos de significados: a linguagem na escola. In: MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; MILLER, Stela (Ogs.). **Vigostki e a escola atual:** fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. 2.ed. Araraquara, SP: Junqueira & Marin; Marília, SP: Cultura Acadêmica, 2010.

ARENA, D. B. O ensino da ação de ler e suas contradições. **Ensino Em-Revista**, Uberlândia, v. 17, n. 1, p. 237-247, jan/jun. 2010.

ARENA, D. B. Considerações em torno do objeto a ser ensinado: língua, linguagem escrita e atos culturais de ler e de escrever. *In:* MORAES, D. R. S.; GUIZZO, A. R. (Org.). **Coletânea de artigos:** Humanidades nas Fronteiras: imaginários e culturas latino-americanas, 09 a 11 de outubro de 2017. Foz do Iguaçu (PR): UNILA/UNIOESTE, 2017. p. 13-28.

ARENA, D. B. Por uma alfabetização humanizadora. NAHum - Núcleo de Alfabetização Humanizadora, [s.l], n. 2, p. 1-3, nov/dez., 2021.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 5. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2000 (Biblioteca da educação. Série 1. Escola: v. 16).

GOES, M. C. R. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Caderno Cedes**, ano 20, n. 50, abr. 2000. Disponível em: http://.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S010132622000000100002&ing=es&nrm=iso&ting=pt . Acesso em 2 fev.2008.
GOULART, C.M. Perspectivas da alfabetização: lições da pesquisa e da prática pedagógica. **Raído**, Dourados, MS, v.8, n.16, p. 157-175, jul./dez. 2014.

MOROZ, M.; GIANFALDONI, M. H. **O processo de pesquisa:** iniciação. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2006. (Série Pesquisa, v. 2)

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisa em Administração,** São Paulo, v.1, n. 3, 2º sem. 1996. Disponível em http://www.ead.fea.usp.br/cadpesq/arquivos/C03-art06.pdf-42k. Acesso em: 5 jan. 2008.

PIMENTA, S. G. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3, p.521-539, set./dez.2005. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a13v31n3.pdf. Acessado em: 18/07/2013.

SILVA, G. F. **O leitor e o re-criador de gêneros discursivos na educação infantil**. 2013. 316 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

SILVA, Greice Ferreira da. O leitor e o re-criador de gêneros discursivos na Educação Infantil. 2013. 316f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**, v. 3. Madrid: Visor, 1995.